

BREVE HISTÓRIA DE UMA FAMÍLIA

Brief History of a Family / Jia ting jian shi

Um filme de Jianjie Lin

2024 | CHINA, FRANÇA, DINAMARCA, QATAR | DRAMA | M/14

Estreia: 22 de Maio de 2025

Festival de Sundance 2024 – Competição Mundial – Drama | Festival de Berlim 2024 – Panorama | LEFFEST – Lisboa Film Festival 2024 – Descobertas

The Guardian ★★★★★ | The Film Stage ★★★★★ | The Playlist ★★★★★ | The Irish Times ★★★★★ | Slant ★★★★★ | Asian Movie Pulse ★★★★★



Wei é um rapaz extrovertido com uma paixão pela esgrima. Vem de uma família de classe média e sente-se sufocado por não corresponder às expectativas dos seus pais. Um dia conhece Shuo, o seu total oposto: introvertido, extremamente dedicado aos seus estudos e com uma vida familiar complicada. Quando Wei convida Shuo para ir a sua casa, a sua presença torna-se habitual no seio familiar. Os pais de Wei vêem em Shuo o protótipo do filho ideal, que sempre desejaram. A primeira longa-metragem de Jianjie Lin retrata o desassossego que irrompe quando um novo membro se infiltra numa família chinesa após o fim da antiga política do filho único.

Com: Zu Feng, Guo Keyu, Sun Xilun, Lin Muran

Argumento: Jianjie Lin

Fotografia: Jiahao Zhang

Produção: Ying Lou, Yiwen Wang, Yue Zheng

Distribuição: Leopardo Filmes

Trailer: <https://vimeo.com/1082205925>

“Breve História de uma Família, de Jianjie Lin, é uma escultura imaculada — um daqueles thrillers de autor em que cada detalhe de cada enquadramento é meticulosamente controlado.”

Slant Magazine (Chuck Bowen) ★★★★★

“Uma estreia surpreendentemente inquietante que descobre novas dimensões num género familiar.”

The Irish Times (Donald Clarke) ★★★★★

“Todos os fios narrativos, entrelaçados por uma multiplicidade de motivos visuais recorrentes, compõem um quadro cativante que mantém o público em tensão, à espera do momento de ruptura.”

The Playlist (Ankit Jhunjhunwala) ★★★★★

“Tão primorosamente equilibrado que é capaz de se recompor na mais subtil brisa, assumindo uma nova configuração de formas, tão abstracta e harmoniosa como a anterior.”

The Guardian (Leslie Felperin) ★★★★★

“Breve História de uma Família é um filme magistral, tanto do ponto de vista cinematográfico como contextual, e uma estreia verdadeiramente impressionante de um cineasta que demonstra possuir a mestria de um veterano.”

Asian Movie Pulse (Panos Kotzathanasis) ★★★★★

“É um filme sobre o caos da criação, sobre a violência que ocorre na génese de novos mundos, manobrando habilmente os géneros de forma incessantemente fascinante.”

The Film Stage (Jose Solís) ★★★★★

“Um exame microscópico (...) com ecos de *O Criado*, de Joseph Losey, e de *Parasitas*, de Bong Joon-ho.”

Jordan Klein

“Elevado pela sua constante inventividade visual, quanto mais observamos, mais se revela.”

Variety (Carlos Aguilar)

“Uma análise forense do modelo de planeamento familiar da China.”

Screen Daily (John Berra)

“Com interpretações intrigantes, contenção narrativa e perguntas sem resposta, o filme provoca uma poderosa sensação de anseio, bem como correntes tentadoras de suspeita e inquietação.”

The Hollywood Reporter (Sheri Linden)

“«Dá-me o Contexto»: conheçam Jianjie Lin, o realizador e argumentista de *Breve História de uma Família*” – Sundance Institute (Bailey Pennick)

Uma das coisas mais entusiasmantes no Festival de Cinema de Sundance é poder assistir, na primeira fila, ao futuro promissor do cinema independente. Embora possamos aprender muito sobre os cineastas presentes no Festival de Sundance de 2024 através da arte que estes contadores de histórias partilham connosco, há sempre mais a descobrir sobre eles enquanto pessoas. Este ano, decidimos ir ao fundo dessas fontes de inspiração com a nossa série: Dá-me o Contexto!

“A primeira parte da minha vida tem pouco a ver com cinema”, explica Jianjie Lin, quando questionado sobre como começou o seu percurso na realização. “A minha formação para me tornar biólogo estava a correr bem, até que me foi oferecida a oportunidade de fazer um mestrado numa das melhores universidades da China. Tive uma crise existencial precoce e comecei a questionar o meu compromisso a longo prazo com a área. Então fiz uma pequena lista de novas coisas que queria explorar, e o cinema era a mais louca e distante de todas. Bem, porque não?”

Depois dessa ousada decisão rabiscada há alguns anos, o realizador tirou um mestrado em Belas-Artes, realizou duas curtas-metragens e iniciou a jornada da sua primeira longa-metragem. *Breve História de uma Família*, que teve estreia na Competição Mundial (Drama) do Festival de Sundance de 2024, entrelaça as complexidades das mudanças sociais na China após o fim da política do filho único, através do olhar de uma família e da amizade emergente entre o seu filho e um colega de escola.

Emoções à flor da pele, rivalidades tensas e conflitos familiares agitam-se dentro desta longa-metragem inspirada de Lin. Em baixo, o artista fala sobre os desafios de fazer *Breve História de uma Família*, o porquê desta história precisar de ser contada agora, e quais são os seus filmes recentes favoritos de Sundance.

Qual foi a maior inspiração por detrás deste filme?

Houve três inspirações principais para o filme. A primeira foi o meu interesse pelo conceito de família. Cada família é uma unidade íntima que funciona segundo códigos e rituais próprios. Também são exímias a manter uma fachada. Mas, se olharmos com mais atenção, muitas vezes descobrimos algo inesperado.

Em seguida, houve uma grande mudança social na China. Durante mais de 30 anos, a política do filho único deixou marcas em milhões de famílias chinesas que viveram sob esse regime. Agora que é possível ter mais do que um filho, como irá essa nova política alterar a mentalidade do filho único e dos pais?

Houve ainda um impulso de exploração formal — levar uma história enraizada na realidade para um nível mais profundo e alegórico, brincar com os códigos do género.

Quando estas três forças se encontraram, nasceu o filme.

A quem deseja que *Breve História de uma Família* chegue?

Ao maior número possível de pessoas, a nível internacional. Apesar de ser um filme centrado numa família chinesa de classe média, desde o início tive a ideia de que se destinava a um público internacional.

Porque é que esta história precisa de ser contada agora?

Existe um lado novo e pouco familiar da China que raramente se vê no cinema.

A sua parte favorita do processo de criação do filme? Alguma memória especial?

Encontrar o tom certo para o filme. É um processo contínuo, desde o argumento até à pós-produção. É sempre inspirador — como fazer experiências. Tive de equilibrar diferentes elementos: actores, localização, movimentos de câmara, montagem, música, som... Mantive estas questões presentes durante todo o processo: até que ponto podemos mergulhar no território do género sem cair no cliché? Até que ponto me posso entregar a uma abordagem estilística mantendo-me próximo das personagens?

E, tal como um ser vivo, o filme foi evoluindo — de algo muito realista para algo mais próximo de um thriller psicológico atmosférico.

Qual foi o maior desafio que enfrentou ao fazer *Breve História de uma Família*?

O financiamento. O mercado de cinema independente e de autor na China tem vindo a encolher ainda mais desde a pandemia de Covid. Após alguns anos de tentativas falhadas de conseguir apoio financeiro por parte de estúdios estabelecidos, tornou-se claro para nós que, para concretizar o filme que eu idealizava, tínhamos de seguir um caminho independente.

Isso significou reduzir o orçamento e reunir fundos de várias fontes, tanto na China como no estrangeiro. Tive de voltar ao argumento, fazer alterações e eliminar cenas, e depois planear

uma estratégia de co-produção que nunca tinha sido tentada num filme de língua chinesa. Ainda assim, foi preciso muito mais para que o filme se tornasse realidade. Agora, olhando para trás, as limitações podem ser duras — mas também obrigam a pensar de forma criativa.

Como deseja que as pessoas se sintam depois de verem o seu filme?

Espero que se deixem mergulhar no filme. E que, depois, ele permaneça com elas — emocional e intelectualmente.

“Esculpindo uma história: Jianjie Lin fala sobre construir *Breve História de uma Família*, camada a camada” – *Eye for Film* (Paul Risker)

A primeira longa-metragem do realizador chinês Jianjie 'JJ' Lin, *Brief History of a Family*, gira em torno das dinâmicas em transformação de uma família de classe média. Wei, filho único na China pós-política do filho único, faz amizade com o reservado Shuo e convida-o para sua casa. Os pais de Wei acolhem o adolescente vulnerável com simpatia. Com o passar do tempo, essa amizade começa a perturbar a dinâmica entre Wei e os pais, à medida que Shuo se vai tornando cada vez mais parecido com o filho que, em silêncio, sempre desejaram.

Em conversa com a *Eye For Film*, Lin falou sobre a crise existencial que o colocou num caminho inesperado, sobre a sua abordagem paciente e orientada para o detalhe no processo de realização, e sobre a forma como reinventou um filme de género tradicional.

Paul Risker: O que o atrai na realização cinematográfica como forma de expressão criativa?

JJ: Estudei biologia e, durante grande parte da minha vida, tive muito pouco contacto com o cinema. Quando estava na universidade, prestes a terminar o curso, tive uma crise existencial precoce sobre o que iria fazer a seguir. Recebi uma proposta para continuar os estudos em Biologia na melhor universidade da China e disseram-me que seria um compromisso de dez anos. Por isso, precisei de fazer uma grande introspecção e, escolher o cinema, foi um salto de fé.

Na verdade, foi ainda na universidade que comecei a ver mais filmes e a descobrir os mestres do cinema, como [Andrei] Tarkovsky, [Ingmar] Bergman e [Federico] Fellini — isso fez-me ver um mundo completamente diferente do que o cinema podia ser. Pensei que poderia ser interessante experimentar, mas mesmo na escola de cinema, não tinha a certeza de que era esse o caminho certo.

PR: O que viu de novo nesses filmes dos mestres antigos?

JJ: Antes de ver esses filmes, ia ao cinema e via obras feitas para entreter e fazer rir. Esses outros filmes estavam a contar histórias completamente diferentes e a mostrar uma outra perspectiva — havia algo neles que, provavelmente, os tornava mais importantes.

PR: Ao ver *Breve História de uma Família*, tive a sensação de que existe uma ligação espiritual ao cinema europeu, na forma como joga com a linguagem cinematográfica e conta a história.

JJ: Essas influências foram provavelmente mais subconscientes. Não me sinto só atraído pelo cinema europeu, mas, na verdade, pelo cinema de todo o mundo. Todos os filmes que vi e de que gostei, sejam europeus, americanos ou asiáticos, desempenham um papel subconsciente na criação do meu próprio trabalho. Ainda assim, consigo reconhecer que o cinema europeu tenha tido uma grande influência.

PR: Qual foi a génese da história, ou a semente da ideia para este filme?

JJ: Tudo começou com uma sensação que eu tentava captar. É a sensação de que a vida familiar é um mistério. Na China, temos um provérbio: "*Lar, doce lar*". Existe esta fachada feliz, onde todos os membros desta unidade devem amar-se e respeitar-se, mas para mim há sempre outra camada: "*E os indivíduos dentro destas famílias? Do que é que precisam? O que é que se passa nas suas cabeças?*" Sempre senti que havia algo de misterioso nas famílias.

Demorei muito tempo a decidir fazer a minha primeira longa-metragem, porque uma pessoa pode ter muitas ideias, mas nem todas crescem connosco. Tenho tendência a escolher os projectos que permanecem comigo durante algum tempo, porque isso dá-me a certeza de que me vão inspirar a longo prazo. *Breve História de uma Família* foi um desses projectos — acompanhou-me e inspirou-me em todas as fases do processo. Não foi como se o filme me tivesse surgido por inteiro, de repente, dentro da cabeça. Foi um processo longo, de descoberta e escultura.

Havia uma sensação que eu queria captar — mas não se faz um filme apenas por causa de uma sensação. É preciso substância, é preciso pesquisar os aspectos sociais. Mas também não se pode fazer um filme só por causa dos aspectos sociais, pelo menos não o tipo de cinema que eu quero fazer. São muitas coisas, e vamos reunindo esse material todo, e depois temos de começar a pensar: *a partir de que ângulo? A partir de que perspectiva é que vou contar esta história?*

No caso deste filme em particular, um ponto de viragem foi encontrar o ponto de vista do “forasteiro” — alguém de fora que observa — e, a seguir, descobrir esta perspectiva biológica: a forma como podemos analisar os sentimentos destas personagens, ao mesmo tempo que tentamos aproximar-nos das suas emoções e da sua psicologia. Ao encontrar um ponto de contacto único com a história, ela floresce. O processo também consiste em ir acrescentando camadas ao filme, porque ele pode ser visto como uma história simples à superfície, mas também pode ser dissecado, para se perceber o que está por baixo. É como esculpir uma peça: dá-se-lhe forma ao acrescentar os detalhes.

PR: É um lugar-comum dizer-se que há três versões de um filme — o filme escrito, o filme filmado e o filme montado. Existe uma quarta versão criada pelo público?

JJ: Tem razão — e, felizmente para mim, experimentei todas essas versões. O argumento que escrevi corresponde, mais ou menos, ao filme que acabámos por filmar. Tive de fazer alguns ajustes durante a rodagem, por questões orçamentais e também por causa da Covid. Na montagem, mantive uma mente aberta e experimentei diferentes soluções na estrutura, em termos de imagem, som e música. Todas essas camadas são, para mim, o que torna este filme belo.

O filme que o público constrói na sua cabeça é algo fascinante. Está no centro do processo criativo, porque o meu trabalho — ou o meu desafio — é ajudar o filme a manter-se aberto ao espectador. Cada pessoa chega com a sua própria teoria sobre o que realmente aconteceu e, até, sobre *quem é o Shuo?*

É um processo bonito, poder preservar essa ambiguidade — para também inspirarmos o público da mesma forma que o material me inspirou a mim. Quero inspirar o espectador, em vez de lhe dizer o que deve pensar ou de transmitir uma mensagem que eu queira pregar.

PR: Quando falamos em “ouvir” um filme, normalmente referimo-nos aos diálogos ou à música. Mas sinto-me mais imerso quando há silêncio ou apenas os sons diegéticos. A música tem o seu papel neste filme, mas, desde as primeiras cenas, há um desenho sonoro tão rico que se torna quase uma personagem.

JJ: Já tinha trabalhado com o som nas minhas curtas-metragens, mas de forma mais realista, com uma utilização mais contida. Quando estava a escrever este argumento e decidi introduzir elementos de género, soube que o som teria de desempenhar um papel importante. Outra coisa que notei — e que se relaciona com o que disse sobre as diferentes versões do filme — foi que, ao ver pela primeira vez o filme montado, percebi que havia ainda muito silêncio. Isso destacou-se para mim e vi aí uma oportunidade rica para trabalhar o som, intensificar a tensão nas relações e acrescentar camadas de mistério.

Trabalhei primeiro com o compositor [Toke Brorson Odin], que tem um estilo muito interessante e único. Criou uma banda sonora bastante singular. Estivemos sempre a ajustá-la, mas o que também achei fascinante foi a qualidade do som que ele utilizou, e isso inspirou também a designer de som, porque o som e a música acabam por ser uma extensão um do outro. Tento esbater essa fronteira.

Quando a designer de som [Margot Testemale] entrou no processo, trouxe também o seu próprio sentido musical para compor a paisagem sonora do filme. E, como eu não queria fazer um filme de género convencional, decidimos usar os sons da grande cidade — todos aqueles sons industriais — mas torná-los um pouco estranhos para o espectador, desconfortavelmente familiares.

PR: A escolha das peças de música clássica é particularmente marcante. A música é também uma extensão da personagem do pai ou das relações interpessoais, de forma mais ampla?

JJ: Trata-se de encontrar peças específicas de música clássica que influenciem o ritmo — isso é muito importante. O filme é como a primeira peça de Bach que usamos — tem elementos simples com os quais se joga constantemente, e os padrões vão mudando. Dá a sensação de que estamos a entrar no filme com uma ideia do que vamos ver, mas os padrões e a dinâmica das personagens vão-se alterando. Há uma certa arrogância nisto.

Claro que está também ligado à personagem do pai, mas isso é apenas o primeiro nível, porque, mais do que isso, tem a ver com o ritmo e o andamento do filme. Creio que essa foi a ideia geral ao escolher diferentes peças de música clássica — que, em certo ponto, nos conduzissem por esta viagem de descoberta. Torna-se mais num contraste entre a música e as personagens e aquilo que elas estão a pensar.

PR: A câmara alterna entre estar muito próxima, distante e até com pontos de vista obstruídos. É uma câmara voyeurística cuja presença é reforçada pelo rico desenho sonoro, tanto dentro como fora de campo.

JJ: Essa abordagem surgiu da tensão entre duas ideias. Em termos de câmara, o director de fotografia [Jiahao Zhang] e eu falámos muito sobre forças que puxam em direcções opostas — entre um ponto de vista objectivo, de observação e análise (e nesse sentido, sim, também voyeurista), e, ao mesmo tempo, o desejo de nos aproximarmos mais das personagens.

Uma das coisas interessantes na cinematografia é que, através do trabalho de câmara, temos a sensação de que nos estamos a aproximar das personagens — mas estaremos mesmo? Essa era uma pergunta que surgia repetidamente. E depois, entre o som e a imagem, procurámos outra camada de contraste. A imagem é fria, distante, formalista — e quisemos que o som fosse mais invasivo, para entrar verdadeiramente na mente das personagens. Mas não queríamos dizer ao público o que devia sentir. Em vez disso, queremos que cada um decida por si como se quer sentir em relação às personagens.

PR: A faceta lúdica do filme reside em despir a narrativa e os momentos dramáticos típicos de um filme de género.

JJ: Nunca tive a intenção de fazer um filme de género convencional, embora ache que o género tenha interesse — no sentido em que cria uma expectativa. Depois, cabe a nós decidir o que fazer com essa expectativa.

A premissa deste filme presta-se a um certo tipo de história dentro do género, que carrega consigo expectativas por parte do público. Isso dá-me liberdade para fazer algo diferente, para criar um mundo que se desvie um pouco. O público pode preencher os espaços em branco. Um certo tipo de espectador, claro, sentir-se-á mais atraído por este tipo de cinema — por isso é necessário estabelecer uma espécie de diálogo com o filme. Para o público que estiver disposto a entrar nesse diálogo, o filme terá mais para oferecer, porque o processo de descoberta do seu significado torna-se parte da própria experiência de visionamento. Na verdade, ao não dizer muito, estamos essencialmente a dizer tudo. No que não é dito, há imenso que se comunica.

Biografia do Realizador

O percurso de vida de Jianjie Lin estava longe de se cruzar com o cinema. Com uma licenciatura em bioinformática e a possibilidade de prosseguir os seus estudos na área, o realizador decidiu arriscar, desviando-se pelo mundo do cinema. Licenciou-se em realização na Escola de Artes Tisch da Universidade de Nova Iorque e realizou duas curtas-metragens, *A Visit* (2016) e *Gu* (2016). O seu primeiro filme, *Breve História de uma Família* (2024), foi apresentado na Competição Mundial – Drama do Festival de Sundance e selecionado para a secção Panorama do Festival de Berlim, tendo também captado a atenção de outros festivais internacionais. Em Portugal, o filme estreou-se no LEFFEST - Lisboa Film Festival, na secção Descobertas.

CONTACTOS

Distribuição Leopardo Filmes
Manuela Mina
manuelam@leopardofilmes.com
+ 351 213 255 822

Imprensa Leopardo Filmes
Nuno Gaio Silva
press@leopardofilmes.com
+ 351 213 255 810

Leopardo Filmes
Travessa das Pedras Negras 1
5º andar
1100-404
Lisboa, Portugal



